



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap. 8

Aaron Fischer

CAPÍTULO 8

GUERRAS

— Estive com o General Vobben há uma semana, apesar de toda nossa ligação, eu não consegui convencê-lo a votar contra esta ideia de expansão... ele acredita que é algo que já está decidido dentro da cabeça do Marechal Yunt Kruk e ir contra ele, neste momento, seria perder força política.

A Sumo Sacerdotisa estava sentada em uma cadeira de aparência confortável, no meio do salão de visitas da sua casa. Ela tinha um semblante preocupado:

— Você disse a ele qual a verdadeira intenção desta expansão, o que o Sumo Sacerdote Gruso quer com ela?

Balor se levantou, impaciente e começou a andar enquanto falava, com uma elegante xícara de café nas mãos:

— Eu disse, mas não precisava ter dito. Ele sabe, na verdade, todos parecem saber...

— E ele concorda?! – A Sumo Sacerdotisa parecia surpresa.

— Não, ele não concorda, mas ele é fiel demais ao Marechal... ele tem esperança que ele vá voltar a si, deixar seu fanatismo de lado...

— Você tentou falar com o Marechal? Ele não vê que, uma vez que a fé, a igreja, for maior do que o Império, Gruso não terá mais serventia para ele? Mesmo que o Exército Imperial perca a guerra e entre em colapso, a Santa Igreja continuará reinando... Gruso tem muito pouco a perder.

— Eu não o reconheço mais, minha cara amiga. O luto o enlouqueceu, ele daria qualquer coisa para ver sua mulher novamente, ele matou o próprio filho mais velho, responsável pelo acidente... quem dirá arriscar o Império e sua posição. Enquanto Gruso puder lhe prometer isto, ele o terá sob seu controle.

— Entendo... A mente é realmente algo estranho. Um homem poderoso como aquele, se perdendo diante de nossos olhos.

Balor soltou o ar de seus pulmões, uma tristeza lhe invadindo:

— acredite, me entristece muito mais do que qualquer coisa. E pensar que sacrificamos tanto na Guerra dos Deuses Caídos para nos encontrarmos nesta posição, comandados por um fanático religioso... talvez uma vitória do Exército Negro tivesse sido melhor para todos no Império.

— Não há vencedores em uma guerra como aquela e, mesmo assim, conjecturar sobre o que poderia ter sido não mudará nada agora. E agora, meu caro amigo, o que faremos?

— Estamos isolados... apenas ideias que me parecem desesperadas vêm até minha cabeça. Você realmente não vê possibilidade de revertermos isso de dentro da Igreja?

— Infelizmente não. É uma nova Santa Igreja, eu quase não a reconheço mais... Os bons não conseguem mais ter destaque, todos procuram apenas poder... aquele maldito do Gruso, desvirtuou todos os ensinamentos. Os outros três Sumo Sacerdotes chegam a salivar, diante das possibilidades que esta guerra de expansão traz.

Por um instante, a Sumo Sacerdotisa demonstrava toda sua idade e cansaço. Seus ombros arqueados, seu corpo pequeno e frágil, seus

olhos de um brilho cansado, de quem já havia vivido demais, visto demais. Sua pele negra reluzia no brilho dos cristais, seu cabelo branco presos em tranças intrincadas.

– Não me resta muitas opções... Os ataques continuarão vindo, preciso contra atacar, minha última esperança de resolver isto de forma política era você... – Balor parou por um instante, encarando o inevitável. – Já garanti a segurança de Aurea, conversei com alguns empresários que estariam dispostos a financiar um golpe. – Ele fez uma nova parada, se preparando para dizer aquelas palavras em voz alta. – Partirei para encontrar o Exército Negro. Tenho algo que pode convencê-los a se juntar a mim.

– Então teremos guerra... Isso me entristece, não esperava ter que participar de mais uma guerra, neste estágio da minha vida. Como pretende encontrar o Exército Negro, se ninguém os encontrou até agora?

– Kompas, O Explorador. Acredito que ele saiba onde o Exército Negro está, acho que sempre soube. Só preciso convencê-lo a me contar.

– Aquele é um homem complicado...

– Eu sei, mas é a única opção que consigo ver no momento.

Ela apenas olhou para ele, uma tristeza profunda em seu olhar, suavizada apenas por uma compreensão, de quem entendia a posição em que Balor se encontrava.

– Posso contar com você como informante e aliada, minha amiga?

A Sumo Sacerdotisa parou, respirando, seu olhar penetrante fundo

na alma de Balor:

— Farei o que for preciso para ter a Santa Igreja de volta, da maneira que ela deve ser. Mas você acha que o que restou do Exército Negro será o suficiente?

— Não sou o único insatisfeito, dentro do Exército Imperial, com a influência que a Igreja vem ganhando. Nós só precisamos mostrar que temos uma chance de ganhar, para que esses insatisfeitos tomem coragem de nos apoiar.

SUBMUNDO

Faltavam apenas dois dias para o começo da prova dos elementos. No entanto, Aaron, Aurea e Gent estavam preocupados com outra coisa. Aquele era o dia em que atacariam a Garagem do Morcegão, a antiga loja de Gent.

Gent e Aurea queriam tomá-la de volta, no entanto, após muita insistência, Aaron conseguira convencê-los de que, conseguir tomar o lugar de volta sem matar ninguém era uma tarefa impossível. Aaron estava impressionado com a ingenuidade dos seus dois companheiros, tão estudados, tanto conhecimento, mas tudo teórico, tudo feito em ambientes controlados. Para eles, aquilo parecia apenas mais uma prova da escola preparatória, ambos conversavam animados, em um canto do gigantesco quarto de Gent, enquanto Aaron se afastara, seu coração estava acelerado.

Infelizmente, ele não conseguia parar de pensar na última vez que saíra com um grupo de amigos para fazer algo inocente, não fazia mais de um mês e parecia fazer décadas. Ele olhava para Gent e Aurea, julgando sua inocência, mas nem um mês atrás ele estava na mesma situação, feliz em pregar uma peça no Exército Imperial. Para Aaron, na verdade, ele e seus amigos foram mais burros do que inocentes. Aurea e Gent tinham motivos e podiam se dar ao luxo de serem daquele jeito, afinal, foram criados no meio de todo aquele luxo e proteção, no entanto, ele e seus amigos sabiam dos riscos, de como o soldados imperiais os tratariam, seu pai o avisara, Sarah o avisara. Agora, ambos estavam mortos e ele estava ali, prestes a

embarcar em uma nova empreitada, com dois poderosos e inocentes elementais. Por mais que tentasse, a culpa não o deixava em paz, queimando em seu interior, exigindo sua vingança, mesmo nos seus sonhos.

Pelo menos aquela pequena aventura tinha um objetivo que traria benefícios reais para eles, que o deixaria mais perto da sua vingança.

Todo aquele pensamento, levou Aaron a lembrar que deveria estar investigando o que Balor e Gennis estavam fazendo. Os dois não paravam quietos na mansão, seus semblantes cada vez mais cansados e estressados. O vai e vem de pessoas era cada vez maior, todos se utilizando de rochas rúnicas de teleporte, para se teleportar até a rocha âncora, um grande pedaço de pedra azul, com inúmeras runas encravadas, que funcionava como um receptáculo para as outras pedras menores, instalada no centro do salão maior do palacete. Até os próprios Balor e Gennis só se movimentavam através daquela pedra. A quantidade de guardas na propriedade dos Storegeni também aumentara.

O ataque a Aurea ainda continuava um mistério para ele e, mais estranho ainda, nada havia sido reportado nos jornais sobre o ataque à filha de um general.

— Aurea, seu pai te disse alguma coisa sobre o ataque a sua mansão?
— Aaron falou do nada, gerando estranheza nos seus amigos, que estavam entretidos em sua conversa.

— Ele me falou, que foi algo a respeito de uma votação importante no Conselho de Generais e Almirantes, mas que eu não me preocupasse pois já estava resolvido.

– Você não ficou curiosa para saber que votação é essa, que motivaria um ataque a você?... Além disso, não foi noticiado em nenhum lugar o que aconteceu.

– Claro que sim, mas ele foi bem veemente, disse que já era mais do que eu deveria saber. Quanto a não ser noticiado, eu não acho tão estranho, ajuda a manter o acontecido na surdina, a paz no Império. Você ficaria impressionado com a quantidade de intrigas que seriam criadas, caso algo assim fosse noticiado.

Aaron não parecia convencido:

– E você, Gent, seu pai não te falou nada? Vocês não estão percebendo a movimentação estranha de pessoas, a quantidade de seguranças?

– Nós sabemos que algo está acontecendo, mas nossos pais estão nos mantendo no escuro, já tentei falar com ele... – Gent, parou pensando. – ... Por agora, só nos resta confiar. Além do mais, nós temos algo mais importante com o que se preocupar. – Gent apontou para a Gota.

Aaron ficou calado diante das respostas, sua mente tentando decidir o que deveria fazer. Claramente algo grande estava acontecendo, grande demais para ser ignorado, grande o suficiente para assustar um general absurdamente poderoso e seu melhor amigo, o homem mais rico do Império.

– Vocês não estão curiosos?! Está claro que algo muito grande está acontecendo. Vamos, quem seria louco de atacar a sua casa, por uma votação Aurea, quer dizer, você já viu seu pai?! – Aaron se levantou, andando até mais perto de seus amigos. – Vamos Gent, você não conseguiria espionar o que eles estão conversando agora,

com alguma das suas invenções de Runetec, acho que é importante sabermos de algo, inclusive pela nossa segurança nesta missão de invadir a Garagem do Morcegão, precisamos saber se é realmente seguro. Alguém pode estar planejando um novo ataque a você, por exemplo, Aurea!!! – Aaron soltou a ideia, como se fosse uma trela e não algo sério, o que arrancou um olhar um pouco desconfiado de Gent, e um curioso de Aurea. – Eu odeio ficar no escuro, além do mais, não podemos simplesmente partir para invadir uma propriedade de um lorde biorúnico e ignorar tudo que está acontecendo ao nosso redor, seria um erro estratégico, e vocês sabem disso!

Gent parecia interessado e Aurea pareceu concordar momentaneamente com Aaron.

– Não é como se fôssemos contar a alguém o que vamos ouvir, não é? – Aurea falou, tentando convencer a si própria. Era claro que a curiosidade a estava consumido havia muito tempo, e agora ela via uma justificativa para saciá-la.

– Eu tenho algo que pode nos ajudar a ouvi-los, no entanto, talvez, saber o que está acontecendo acabe nos deixando em mais perigo ainda. – Gent estava receoso, mas Aaron percebeu que a curiosidade nele também era gigante, bastava um empurrãozinho.

– Vocês já estão no meio disso tudo, Aurea foi atacada e metade da mansão dela destruída. O que ouvir algumas palavras a mais vai mudar no fato de quererem sequestrar ou assassinar ela, ou para qualquer efeito, você, Gent?

– É, mas isso deixa uma pessoa em situação bem confortável, e essa pessoa é você Aaron.

— Eu é que estou na pior situação, Gent. Aurea tem o pai dela e todo o seu poder, você tem seu pai e todo o seu poder e dinheiro, eu fui envolvido nisso tudo e não tenho nada, além de mim mesmo.

Aurea olhou para ele revirando os olhos, para a mentira que ele estava contando. Talvez ele fosse o mais fragilizado naquela situação realmente, mas ele tinha Kuma por trás dele, além, é claro, do fato dele ser filho do Lobo.

— Gent, eu acho que podemos confiar nele. Ele me ajudou no ataque e meu pai o interrogou. E uma coisa ele tem razão: partir para o subterrâneo de Marabor sem saber o porquê de todas essas mudanças seria um erro estratégico. Não podemos perguntar a nossos pais, só nos resta três opções: espioná-los para tentar obter alguma informação, desistir de invadir a Garagem do Morcegão, ou ir às cegas e correr o risco de uma emboscada ou algo assim.

— Está bom, mas se der merda, que fique claro que eu fui contra!
— Gent se levantou, levemente contrariado, indo até um armário, colado à parede, oposta a cama.

Aaron comemorou mentalmente, ele até cogitara tentar algo sozinho, mas com a quantidade de guardas na mansão, seria quase impossível ele não ser pego. Além disso, o lugar era grande demais e, mesmo após quase duas semanas, vira e mexe ele ainda se perdia ali dentro.

Ele se virou para Aurea, falando baixinho, aproveitando o fato de Gent estar um pouco distante, ainda procurando algo em seu armário:

— Obrigado! — Ele abriu um leve sorriso, sem perceber.

Aurea levantou uma sobrancelha, parecendo se divertir:

– Você tem razão quanto a irmos no escuro com essa situação toda.
– Ela deu de ombros, antes de continuar. – E quero matar a minha curiosidade. Mas não faça eu me arrepender, senão... – Ela fez o sinal de uma tesoura cortando com os dedos, olhando para ele com uma mistura de divertimento e ameaça no rosto.

Aaron riu, um pouco nervoso, mas Aurea continuar a encará-lo com a sobrelanceira levantada e seus dedos fazendo o movimento de cortar.

– Achei!!

O barulho de coisas caindo dentro do armário e a fala de Gent atraiu a atenção deles, fazendo com que destravassem o olhar um do outro. Ele trazia na mão, dois objetos que Aaron não conseguia identificar.

– Então, como funciona esse negócio?!

Gent colocou os dois objetos na mesa, em frente a Aaron e Aurea. Um deles, era apenas uma pedra, muito similar as rochas de teleporte ou os cristais de iluminação, o outro, parecia uma batata feita de ferro, com pequenas pernas, olhos e orelhas humanos, feitos do mesmo material, desproporcionalmente grandes, encaixados no que, para Aaron, era a “cabeça” da coisa.

– Eu o chamo de batatinha! – Gent estava animado, como um pai orgulhoso falando de um filho, parecendo esquecer que havia sido contra aquilo. – Você segura a pedra energizadora, e você controla o batatinha, podendo se movimentar usando as perninhas, ver o que ele vê através dos olhos, ou escutar através dos ouvidos!

– Genial!!! Você é realmente um gordinho foda, mas... por que ele é tão feio? – Aurea falou rindo, se divertindo com sua piada.

Gent riu junto, antes de responder:

– O feio está nos olhos de quem vê – e apontou para os olhos desproporcionalmente grandes, com um brilho estranho, quase macabro. – Mas, tem um problema, ele só pode andar, ver ou ouvir de cada vez.

Aaron soltou o ar, um pouco frustrado, não participando da brincadeira dos seus dois amigos.

– Então para que servem essas pernas, se não dá para ver ou ouvir para onde se está indo?!

– Calma, cara! Você parece bem ansioso para esse negócio... – Gent olhava para Aaron.

– Vamos Gent, o senhor esforçado aqui tem razão, como vamos fazer o batatinha chegar até o escritório do seu pai?

– Eu sei pilotá-lo, afinal fui eu quem criou o negócio... Sinceramente, vocês sabem o quão difícil foi fazer esse negócio ver, ouvir e andar?! Acho que o batatinha merecia mais apreciação de vocês. – Gent falou, balançando a cabeça, em um tom entre o brincalhão e o sério. – É só olhar para onde está indo, andar em linha reta, depois olhar de novo e andar de novo. Pode ser que demore um pouco, mas o batatinha vai chegar lá, além disso, conheço minha casa muito bem!

– Foi mal, Gent. Não falei por mal, mas convenhamos, era muito mais prático se ele fizesse tudo ao mesmo tempo! – Aaron percebeu que havia extrapolado com o já desconfiado Gent e decidiu apaziguar um pouco as coisas.

– Eu sei, da próxima vez eu chamo vocês para me auxiliarem com

mais observações geniais! – Gent devolveu a alfinetada, já um pouco sentido com a brincadeira de Aaron e Aurea. – Fiquem sabendo que não existe nada nem parecido com o batatinha! Agora vamos parar de besteira e vamos para o que importa!

Gent colocou o batatinha no chão e segurou a pedra energizadora em sua mão, formando um punho ao seu redor. Assim que uma luz fraca passou pelas brechas dos dedos de Gent, o batatinha ganhou vida, ficando de pé. O seu criador fez com que a pequena invenção desse algumas voltas no quarto, bamboleando de um jeito fofo, que arrancou alguns comentários de Aurea.

Depois de um breve aquecimento, Gent abriu a porta do seu quarto e os três foram para o longo corredor de pedra, com o chão coberto por um tapete vermelho, marcado com diversos brasões da família Storegeni costurados em dourado.

O corredor, se virasse à esquerda, levava até as escadas, onde o batatinha poderia descer até as salas e as cozinhas, já se ele dobrasse à direita, o corredor acabava em uma janela, com vista para a cidade.

Gent virou à direita, passando por diversas obras de artes penduradas na parede, até chegar à janela, depositando sua invenção no parapeito:

– O batatinha voa? – Aurea perguntou, séria.

– Não, mas ele pode se agarrar a qualquer superfície, mesmo quando não estou usando as pernas!

O batatinha começou sua caminhada, andando pela parede, como uma aranha estranha e deformada, do lado de fora do palacete. Sem muito esforço, com os garotos ainda conseguindo vê-lo, ele continuou seu caminho, silenciosamente, e seu jeito engraçado de

andar ainda arrancando alguns comentários de Aurea.

Quando o batatinha finalmente dobrou ao final da parede, saindo da vista dos garotos, Gent se sentou no chão, com as costas apoiadas contra o parapeito:

— Agora não me perturbem que eu vou precisar de um pouco de concentração!

Por vezes, Gent parava e abria os olhos, como se descansando um pouco, mas não falava nada, e logo voltava a se concentrar. Depois de bastante tempo, ele conseguiu dar a volta na mansão e chegar até a janela do escritório de Gennis Storegeni, ficando grudado à parede, um metro abaixo da janela.

Gent soltou o ar, como se acabasse de fazer um grande esforço:

— Consegui! Cheguem mais perto, vou fazer o som sair pela pedra energizadora. – Ele desfez o punho sobre a rocha, segurando entre os dedos indicador e polegar, a runas cravadas em sua superfície continuando a emitir um brilho suave.

O vento frio da noite clara, fazia Aaron estremecer, sob a janela aberta, se esticando para junto de Aurea e Gent, para tentar ouvir sobre o que Balor e Gennis conversavam.

— ...É necessário Balor, infelizmente. Além disso, você não foi totalmente sincero comigo, ao esconder o fato de ter o filho perdido do Lobo em suas mãos.

— Isso seria traição, Gennis. – A voz de Balor, alta e grossa era facilmente identificável, a qualidade do som era surpreendente para Aaron.

– Você sabe que tudo que estamos fazendo é traição, se vamos ganhar esta guerra, precisaremos de toda ajuda que conseguimos juntar. – Gennis tinha uma voz marcada pelo estresse e cansaço.

– Ajuda paga, não é ajuda...

– Chame da forma que quiser, Balor, mas nós precisamos dele.

– E quanto à votação, nós não conseguiremos adiá-la apenas com Jabri, três outros industriais qualquer e dois lorde biorúnicos.

– Se vamos tentar derrubar o Marechal Yunt Kruk, essa votação já não nos importa mais, na verdade, uma Guerra de Expansão só nos ajudaria, enfraquecendo as tropas imperiais e a posição política do Marechal.

Fez-se um silêncio, que obrigou Aaron e os outros garotos a prender sua respiração, com medo de que os elementais mais velhos os tivessem percebido.

– Tem razão... Você realmente confia neste homem, Gent?

– Não tenho motivos para desconfiar, como você disse, uma ajuda paga não é uma ajuda.

– Agiremos assim então, diga a ele que nós aceitamos os seus termos.

– É o melhor a se fazer, Balor. Eu sei que é difícil para você...

– Eu sei, meu caro amigo, se eu não acreditasse nisso, eu não estaria aqui, você sabe. – Fez-se um longo silêncio no escritório, antes que Balor continuasse. – Partirei para encontrar o Kompas, no dia seguinte ao começo da prova dos elementos, reunirei meus apoiadores dentro do Exército Imperial, e lhes pedirei que fiquem preparados...

Kuma tinha razão... o coração de Aaron batia forte, algo muito grande estava para acontecer, e Balor, O Infernal, estava no centro de tudo. Um golpe, Balor e Gennis estavam planejando um golpe, assim como Kuma... Talvez ele pudesse servir de ponte entre os dois grupos, ambos os lados pareciam dispostos a negociar... Aquela notícia parecia boa demais para ser verdade, no entanto, antes de tomar qualquer atitude precipitada, ele precisava pensar em como abordaria o General Balor, assim como Kuma.

Sua cabeça girava a mil por hora, ele contara a Balor, quais eram os planos de Kuma, mas o general não deixara transparecer nada, será que ele cogitaria uma aliança, será que ele já estava cogitando naquele momento? Balor falara de Aaron e sua origem para Gennis, então devia ter mencionado Kuma.

Aurea e Gent tinham olhares perplexos, como se não acreditassem no que ouviram. Para eles devia ser um choque ainda maior, afinal de contas, os pais dos dois estavam planejando uma revolução, uma guerra.

— Jabri deve chegar a qualquer momento para nossa reunião... – Gennis mudou o prumo da conversa, como se o que haviam conversado até aquele momento já estivesse decidido.

— O que será que ele quer? – O mal humor de Balor era evidente.

— Provavelmente colocar mais condições para seu apoio. Você tem que se acostumar Balor, não está mais na posição de vantagem que sempre esteve como general. As pessoas não virão mais pedir favores, virão impor condições, se formos sortudos...

— Eu sei Gennis, eu sei. Não sou idiota, apenas não gosto desta situação.

– Muito menos eu, mas precisaremos engolir alguns sapos, e deixar nosso orgulho de lado, se quisermos ter chance nesta guerra.

Balor apenas bufou em resposta, se levantando e começando a andar em círculos pelo cômodo.

Alguns longos minutos de silêncio se passaram, deixando os garotos cada vez mais ansiosos. Gent falou que estava na hora de trazer o batatinha de volta algumas vezes, mas Aurea e Aaron o impediram, dizendo que precisavam escutar mais.

Uma batida na porta do escritório fez os garotos voltarem sua atenção para a esfera novamente:

– Pode entrar! – Foi Gennis quem respondeu, sua voz cordial e animada, diferente do tom concentrado e sucinto que adotara ao conversar com Balor.

– Boa noite, o senhor Jabri acabou de chegar através da rocha de teleporte.

– Traga-o até aqui! – A voz de Balor continuava estressada.

Alguns minutos voltaram a se passar, até que a porta voltou a fazer barulho e Jabri foi introduzido ao escritório:

– Jabri, meu caro amigo, boa noite! Sente-se, aceita uma água, um chá? – Gennis o recebeu animado, mas os garotos não conseguiram ouvir nada vindo de Balor.

– Não, não. Estou bem, na verdade estou com um pouco de pressa, preciso retornar rapidamente... – A voz do dono dos Thunderstorms de Skabel tinha um timbre calmo, sua voz calculada.

— Em que podemos ajudá-lo, Jabri? — O tom de voz de Balor, estava mais suave, mas ainda estava longe do normal.

— Acharam os corpos de Babador e Aulic, presos ao elevador central, enforcados, desfilando para que toda a capital visse, além disso, sequestraram o filho de um dos industriais de Darembor... Nossa pequena reunião no seu estádio vazou, Gennis.

— Merda... — Balor deu soco na mesa, não se contendo.

— Eu ainda tinha esperança de que eles tivessem decidido sumir do Império por algum tempo... — Gennis parecia desconcertado com a situação.

— O que vocês pretendem fazer a respeito disso tudo? — A voz de Jabri continuava calma.

— Podemos disponibilizar guardas, mas isso não garantiria a segurança de ninguém. O meu conselho é para que vocês se escondam, sumam do radar do Exército Imperial, por enquanto. — Balor, como sempre, estava sendo pragmático.

— Não estou preocupado com isso, e acredito que todos os outros já estão bem escondidos com suas famílias... O que me preocupa, é que não quero me manter exilado do Império para sempre, meus negócios precisam de mim e acredito que os outros compartilhem o mesmo sentimento.

— Já te passamos nosso plano, você já fez suas exigências para nos apoiar. O que mais você quer? — A voz de Balor subia de tom à medida que ele falava.

— Calma, General... Não é que eu queira mais nada, mas eu preciso

da ajuda de vocês para que meu negócio continue rodando, e para que eu continue a poder apoiar a nossa revolução. – Jabri fez uma pausa, enfatizando a palavra “nossa”. – A minha maior mina de ouro, foi atacada por um dragão, e a criatura a fez de lar. Já tentei as melhores equipes de caça de criaturas rúnicas. As que toparam, foram massacradas. O Exército Imperial havia me prometido que faria alguma coisa, mas vocês sabem como é todo o processo com criaturas rúnicas inteligentes, ainda mais dragões... e mesmo assim, depois disso tudo, não acredito que eles irão fazer algo para me ajudar... Enfim, encurtando a história, gostaria que você, Balor, voltasse comigo até Skabel para me ajudar com este problema. Parto ao nascer do Sol para Trumbar, uma pequena cidade na província das flores, onde possuo uma rocha de teletransporte com alcance, para nos levar até a mina.

– Eu tenho que estar aqui para resolver alguns assuntos inacabados. Ainda preciso decidir se comparecerei a votação. E irei deixar minha filha no porto, para a prova dos elementos... além do mais, dragões são seres complicados... – Balor não tinha medo em sua voz, apenas impaciência.

– Entendo, não será fácil, mas consigo esperar esses dois dias. E, vamos Balor, um elemental nível deus como você, consegue lidar com uma criatura de nível de poder SS como um dragão.

– Alguns dragões vão além do SS, Jabri, mas não é só isso. A Santa Igreja os considera sagrados, filhos de Valhar, se nossos apoiadores descobrissem que matei um dragão, perderíamos apoio.

– Você acha que conseguiria negociar com ele, Balor? – Foi a vez de Gennis falar, interrompendo os dois. – O apoio financeiro de Jabri é vital para a causa.

– Eu só conversei com um dragão na minha vida, e ele não era uma criatura fácil. Posso ver o que consigo fazer mas não posso garantir nada.

– Então tente negociar, se você não conseguir, mate-o e esconda seu corpo, ninguém precisa saber que foi você... – Gennis assumira um tom mais sombrio.

Aaron se mexeu, tentando se aproximar ainda mais da rocha energizadora, ao mesmo tempo que Gent, se recostou contra a parede, tentando processar tudo que estavam ouvindo, por azar, a mão de Gent bateu contra a cabeça de Aaron, fazendo com que a rocha energizadora saltasse dos dedos de Gent, ficando apenas alguns segundos no ar, antes que o garoto retomasse a sua posse.

Assim que Gent tocou novamente a rocha energizadora, eles ouviram o barulho característico de metal se chocando contra pedra, vindo do pequeno artefato. O batatinha, sem energia por aquele curto período de tempo, havia se soltado momentaneamente da superfície vertical, se chocando contra a parede do palacete, quando a energia voltara fluir e ele voltou a se agarrar a pedra com seus pezinhos.

– Tem alguém nos observando!! – A voz de Jabri saiu alterada pela primeira vez.

– Filhos da p... – Balor tinha raiva na voz!

A rocha energizadora na mão de Gent se partiu antes que o General completasse sua frase, deixando Aurea, Gent e Aaron se olhando amedrontados. O coração de Aaron batia forte, o três estavam estáticos, sem saber o que fazer, como um menino, que quebra a janela de casa brincando com bola.

AVENTURA

— Vocês têm noção do que vocês poderiam ter causado? Nós poderíamos ter perdido a aliança com Jabri! – Balor gritava, seus braços agitados no ar, gesticulando na frente de Aurea, Gent e Aaron, que olhavam para ele assustados do confortável sofá do escritório de Gennis.

— O que estavam pensando? – Até o calmo Gennis parecia furioso.

Em um movimento repentino, Balor agarrou Aaron pela gola de sua camisa, sua pele queimando ao toque, o seu poder emanando de forma descontrolada. Aaron não pôde fazer nada, ele mal conseguira perceber o que estava acontecendo:

— Isso foi ideia sua, Aaron? Você tem se comunicado com Kuma? – Balor diminuía o tom de voz para um sussurro ameaçador. O seu aperto firme na camisa de Aaron, que olhava para ele assustado, sem saber o que falar.

A intenção em Balor era assassina e Aaron podia sentir aquilo claramente. Ele sabia, que uma resposta errada podia custar sua vida, mas algo, no tom de voz de Balor e na sua linguagem corporal, dava a impressão de que, apesar de tudo aquilo e do fato de que ele o mataria sem pestanejar, se fosse preciso, não era o que ele queria.

— Foi ideia minha... – Aurea olhou para os seus amigos e engoliu em seco, antes de continuar. Todos olhavam surpresos para ela. Aaron não conseguia acreditar que ela havia salvado sua pele, enquanto Gent apenas abria e fechava a boca. –... nós iríamos tentar retomar

um conversor, no laboratório do Gent, no subterrâneo de Marabor, mas com tudo que está acontecendo, eu pensei que seria uma boa ideia ouvir sobre o que vocês tanto conversavam, sabe? Para saber se era seguro ir, nós não pensamos que íamos escutar aquilo tudo.

— Só faltava essa agora... que laboratório é esse Gent?! – O tom de voz de Gennis tinha ido do raivoso para o exausto e decepcionado. Enquanto Balor soltava a camisa de Aaron e ia até sua filha, o seu semblante entre o constrangido e o aliviado.

— É... acho que o senhor já ouviu falar... é porque pai, o senhor não me deixava fazer algumas coisas e eu precisava colocar minha criatividade para fora, o senhor sabe como eu sou, aí eu...

— Gent, que porra de laboratório é esse? – Gennis cortou seu filho.

Gent respirou fundo e com a ajuda pontual de Aurea e Aaron, contou tudo sobre a Garagem do Morcegão e o plano deles de recuperar seu conversor rúnico modificado, arrancado suspiros exasperados de Gennis e Balor.

Quando finalmente acabaram, os três olhavam envergonhados para os adultos. Gennis sentou-se colocando cabeça nas mãos e se mantendo calado, mas Balor continuou de pé, andando de um lado para o outro, seu poder fazendo a sala vibrar com energia, até ele se virar para os garotos, seus olhos brilhando dourados:

— Vocês ouviram o que nós dissemos, estamos em uma guerra, não tem mais como esconder isso de vocês, mas nós temos como educar vocês, ensinar vocês a maneira que nós devemos nos comportar na guerra. E se vocês consideraram este tal conversor e esta tal garagem, importantes o suficiente para espionar os próprios pais de

vocês, agora vocês vão levar isso adiante... – Ele olhou para Gennis, seu olhar duro. –... eu não sei quanto ao Gent, porque não sou pai dele, mas Aurea, e você Aaron, que agora está sob minha guarda, só voltam para cá hoje a noite com este conversor... provem que conseguem fazer isso, nos mostrem que já são adultos o suficiente para saberem sobre a guerra, e eu os contarei o que está acontecendo em primeira mão.

Gennis levantou a cabeça, olhando para o nada por alguns instantes, como se calculasse algo:

– Me diga uma coisa, Gent. Quem foi mesmo o lorde biorúnico que tomou o seu laboratório?

Gent pareceu não entender o motivo da pergunta, mas respondeu mesmo assim:

– Foi o Momo, pai... por quê?

– Eu tenho uma proposta melhor para fazer a vocês então... Além de voltarem com o conversor, vocês deixarão uma rocha de teleporte e uma carta endereçada ao Momo.

– O que tem nesta carta, tio? – Aurea havia mudado de postura, se inclinando para frente interessada.

– Assunto do Exército Revolucionário, que não diz respeito a vocês...

– Pensei que já éramos parte da guerra de vocês... – Aurea falou na defensiva.

– Para cachorro novo, vocês estão entrando demais no mato. A carta não é um assunto que caiba a vocês. Vocês farão isso como uma lição

e nós os contaremos um panorama geral do que está acontecendo no Império. Mas não se iludam, vocês não são soldados, vocês não são revolucionários, vocês são adolescentes, precisam ir para a escola, precisam focar em passar na prova dos elementos e nada mais do que isso. – Balor tinha um tom sóbrio, sua ira já mais contida.

Os garotos ficaram em silêncio, as palavras de Balor queimando em seus egos como só a verdade consegue fazer, até Aaron questionar algo:

– Nos enviar para Escola para Elementais de Lysmor, não seria nos dar de mão beijada para o Marechal e o Exército Imperial?

– Não garoto. A Escola para Elementais de Lysmor não pertence ao Império e muito menos ele tem controle sobre ela. – Foi Gennis quem respondeu, um pouco impaciente.

– Como assim?

– A escola é um território internacional e neutro. Aceita alunos dos cinco impérios do continente de Acrom, assim como dos sete reinos independentes do continente. Nem mesmo o Marechal teria coragem de tocar em alguém em Lysmor. A escola é o lugar onde vocês estariam mais seguros...

...

Aaron estava absorto em seus pensamentos, repassando a cena da conversa com Balor e Gennis em sua cabeça, tentando achar algum detalhe que perdera, algo que pudesse utilizar mais tarde. Ele ainda estava surpreso pela atitude de Aurea, ele nunca esperar aquilo, mas a garota parecia conquistá-lo com cada palavra e cada atitude. Além disso, Gent tinha ficado de bico calado. Ele odiava admitir, mas

estava em débito com os dois, em bastante débito.

Ele, Aurea e Gent cruzavam a madrugada da capital do império, Marabor, em um carro velho, com destino a Garagem do Morcegão:

– Aaron...Aaron...

– Oi, desculpa, o que foi?

– Põe a máscara. – O som da voz de Gent estava abafado, por sua máscara de morcego.

Ele estava vestindo uma camisa de manga longa preta, feita de um tecido leve sobre calças da mesma cor, feitas de um coro resistente, assim como botas de aparência robusta. Dentro da camisa, ele havia posto uma cota de malha especial, inventada pelas indústrias Storegeni e dada aos três garotos por Gennis. Gent não trazia nenhuma arma convencional consigo, apenas a Gota.

Aurea e Aaron estavam vestindo roupas similares, mudando apenas a cor, com Aaron vestido em azul marinho e Aurea em um vermelho quase marrom. Aurea não trouxera nenhuma arma, alegando que seu poder lhe bastava. Já Aaron, havia trazido consigo apenas sua lança, presa a suas costas em uma bainha nova e negra, deixando a adaga de Jonas na mansão dos Storegeni, por recomendação de Balor.

Aaron pôs sua máscara de alienígena, verde com olhos completamente pretos. Aurea já tinha posto a sua, que era o rosto de uma estátua. Ao longe, Aaron podia ver o grandioso elevador central de Marabor, uma construção gigantesca e bela, composto por inúmeros trilhos de ferro bem trabalhados e adornados, por onde várias plataformas iluminadas, subiam e desciam, indo do topo até o fundo da montanha, cortando-a exatamente no centro, como se fosse o fosso de um vulcão.

O elevador central era a única forma legal de chegar ao subterrâneo da cidade, onde todos eram submetidos a uma revista antes de serem autorizados a continuar sua viagem. O teleporte era impossível, já que todo o subterrâneo era protegido por uma rede de proteção rúnica, que inviabilizava a utilização das pedras, mas Gent sabia outros caminhos até a Garagem do Morcegão.

O garoto gênio os guiou no sentido paralelo ao elevador central, se distanciando aos poucos da grande construção. Eles ainda estavam no quinto nível da cidade, onde as ruas eram bem iluminadas e as mansões davam beleza e suntuosidade ao lugar. Após andarem por um bom tempo, dando a volta no elevador e se distanciando da mansão dos Storegeni, Gent finalmente parou diante de um bueiro, numa rua estreita, entre os muros altos de uma mansão e o fim do platô que formava o quinto nível da cidade.

– Eles podem fazer o que quiserem, mas os dejetos têm que descer até o chão para serem escoados.

– Acho que os arquitetos da cidade não acharam que ornaria legal, uma cachoeira de bosta, não é mesmo? – Aurea falou rindo, tentando quebrar a tensão e o silêncio que imperavam desde a conversa que haviam tido com Balor e Gennis, mas não arrancou nenhuma reação dos seus amigos.

– Eu não tive a chance de agradecer a vocês pelo que fizeram... quer dizer, mentiram para os pais de vocês por mim. Muito obrigado! – Aaron pôs as palavras para fora um pouco sem jeito, não sabendo o que esperar dos seus amigos.

Aurea e Gent pararam o que estavam fazendo para olhar para ele, mas foi ela quem respondeu:

– Estamos juntos nessa, pode ter sido ideia sua, mas todos nós topamos fazer e no final das contas você estava certo... – Aurea deu de ombros, como se o que fizera não fosse nada demais.

– Só para lembrar, eu avisei que ia dar merda... – Gent não falou aquilo em tom de brincadeira, mantendo um semblante sério. – ... mas Aurea tem razão, fizemos aquilo juntos e vamos arcar com as consequências juntos! Agora, vamos parar de conversar besteira e vamos ao que interessa!

– De qualquer jeito, poucos fariam o que vocês fizeram... Estou em dívida com vocês! – Aaron falava do seu coração. Não estava acostumado com a gentileza de pessoas, que na verdade, mal o conheciam.

– Relaxa, Aaron... – Aurea respondeu um tom bem-humorado, mudando seu semblante por apenas um segundo para olhá-lo fundo em seus olhos, por trás de sua máscara. – ..., mas não pense que não estamos de olho em você. Posso ser pior que meu pai, isso eu garanto. – Fez-se um silêncio, em que Aaron continuou a sustentar o olhar de Aurea, enquanto Gent olhava de um para o outro impaciente, até Aurea retomar seu tom bem-humorado para mudar de assunto: – Agora, se formos pelo esgoto, nunca chegaremos lá, demoraria dias, além do que, devem ter várias quedas livres até chegarmos ao subterrâneo, Gent. – Aurea retomara um tom sério.

– Claro que não vamos a pé, você realmente acha que ia a pé todas as vezes que ia até a Garagem do Morcegão? Eu tenho um veículo especial aqui dentro. – Gent esticou a mão de forma natural, e a tampa de metal do bueiro se ergueu no ar, pousando suavemente no concreto ao lado. Era a primeira vez que Aaron via Gent usar seus

poderes, o que o pegou um pouco desprevenido.

Gent tirou a Gota de sua mochila e a fez flutuar até prendê-la em suas costas, a alojando entre suas omoplatas. Quatro tiras de metal saíram do objeto e se prenderam ao corpo dele, fixando-o firmemente no lugar.

Se utilizando do seu poder e da Gota presa a seu corpo, o garoto flutuou, com um pouco de esforço, para dentro do bueiro, que era largo o suficiente para que ele passasse sem problemas.

— Me sigam. — Ele não parecia animado.

Aurea e Aaron o seguiram, pulando cinco metros até o chão da câmara oval, feita de concreto polido e estranhamente limpa e cheirosa. No ambiente, surpreendentemente bem iluminado, não havia nada, além de um veículo preto estacionado no canto oposto ao que estavam, e uma porta circular de dois metros de diâmetro, que Aaron supôs levar até o esgoto de verdade, logo atrás deles.

O veículo se assemelhava muito a um carro, mas era menor, e ao invés de rodas, possuía duas grandes esteiras de ferro, presas a lateral da lataria, responsáveis por movê-lo.

— Vocês vão ter que se apertar. O morcecarro foi projetado para uma pessoa e um pouco de carga.

— Morcecarro?!... Não faz mal, Aaron vai na mala sem problemas.
— Aurea mantinha seu bom humor e confiança mas, de novo, não obteve uma resposta animada dos seus amigos.

— Infelizmente, acho que vocês dois vão ter que ir na mala. — Gent falou, enquanto ia rápido em direção ao veículo.

– É sério?! – Aaron não parecia muito satisfeito com a ideia.

– Considere isso a primeira retribuição por não ter me contado que você é o filho perdido do Lobo... – Gent tomou a frente, andando em direção ao morcecarro e resmungando consigo mesmo. – ... não acredito que não me contaram uma coisa dessas.

Aurea apenas revirou os olhos, seguindo seu amigo:

– Só eu escutei o nome morcecarro?

– Quando você conseguir inventar seu próprio veículo, você dá um nome mais legal para ele, Aurea! Agora vamos, temos que chegar lá antes da troca do turno de vigia!

A viagem demorou pouco mais de meia hora, no entanto, no escuro e calorento porta-malas do morcecarro, com o fedor do esgoto agredindo suas narinas, enquanto Aaron tentava a todo custo evitar ficar tocando Aurea, para que ela não pensasse que ele era algum tipo de pervertido, que estava se aproveitando da situação, pareceram se passar horas.

Aurea ainda tentou puxar assunto algumas vezes, mas Aaron deixou morrer, por mais que gostasse daquela pequena rivalidade que os dois estavam criando, ele não estava com cabeça para aquilo no momento. A conversa deles com Balor e Gennis fora extremamente tensa e eles haviam deixado claro o perigo que os garotos estavam correndo. Imagens de Sarah perfurada por uma lança o assombravam toda vez que piscava os olhos, o seu rosto melado de sangue, mudando a cada nova piscada: Jonas, o Diretor Shaw e todos os moradores da Vila do Arpão, até Aurea e Gent apareciam, seus rostos sorridentes, seus olhos sem vida.

O morcecarro finalmente parou e Gent abriu o porta-malas, soltando seus amigos da “prisão”. O veículo estava parado em um beco escuro, o cheiro de esgoto persistindo sobre o lugar. Aaron tinha a sensação úmida de estar em uma caverna, mesmo sem conseguir enxergar o teto de pedra. Ao longe, ele podia ver fortes luzes, vindas de uma parte mais acima no subterrâneo de Marabor.

– Vocês estão lembrados do plano? – Gent estava focado.

– Sim! – Aurea tinha um misto de animação e ansiedade na voz.

– Antes de irmos, eu queria pedir para vocês tomarem cuidado. Não estamos mais em um ambiente controlado, essas pessoas vão realmente querer matar vocês. Eu sei que Aurea pega no meu pé por eu ficar falando da minha origem, mas acreditem em mim quando eu falo, isso vai ser muito diferente do que vocês estão esperando!

Para sua surpresa, Aurea não tirou sarro do seu comentário:

– Não nos subestime tanto assim Aaron. Agora vamos!

Os três partiram pelas ruas escuras da periferia do subterrâneo de Marabor, que ficava numa das partes mais fundas. O lugar era uma grande ladeira, que começava no elevador central e toda sua beleza, e descia até as profundezas da montanha, se tornando um lixão tóxico na sua parte mais funda. Gent guiava o trio, ladeado por Aurea e Aaron, se movendo com certeza e precisão. À medida que se aproximavam da estrutura do elevador central, a quantidade de luzes coloridas, letreiros e decorações espalhafatosas ficava maior.

Os letreiros emitiam um leve zunido, mudando de cor e atraindo a atenção dos passantes para os produtos que tentavam vender. Vire e mexe, Aaron observava admirado as luzes se moverem em

movimentos programados, como se ganhassem vida por um instante. As construções, todas incrustadas na pedra da montanha, eram rústicas e disformes, emendando uma na outra, como se tudo aquilo fosse um único grande bloco inacabado, separado apenas por paredes. As únicas exceções eram as fábricas, com suas chaminés expelindo uma fumaça grossa, mesmo aquela hora da madrugada. Estas eram bem construídas, feitas em sua maioria, de tijolos e pedras, adotando um formato retangular.

Mesmo àquela hora, o centro do subterrâneo estava completamente lotado, com inúmeras pessoas circulando pela cacofonia de cores. Ali, as pessoas bem vestidas e educadas, davam espaço para uma cultura rebelde, formada na sua maioria por jovens, com tatuagens, cabelos coloridos e roupas diferentes. As máscaras de Aaron, Aurea e Gent passavam despercebidas, como se fossem apenas mais um adereço diferente.

Existia uma descontração desenfreada no ar, típica de locais, onde as pessoas têm muito pouco a perder e muito a ganhar. Aquele era um lugar de oportunidade, onde com talento, persistência e uma leve falta de escrúpulos, se conseguia o que queria.

Gent parou no que Aaron avaliou ser a avenida principal, fazendo com que seus amigos parassem logo atrás deles. O comércio do lugar estava a pleno vapor, pessoas comprando e vendendo, bebendo e comendo, a população não parecia diferenciar dia e noite. O lugar era tão diferente da superfície, com suas construções imponentes e bem feitas, seus jardins belos, seus habitantes bem vestidos e educados, que mais pareciam duas cidades completamente diferentes, a superfície e o subterrâneo.

– Estão vendo o outdoor do morcego prateado sobre um fundo vermelho? – Gent apontava para o outro lado da rua, uns duzentos metros de onde estavam.

O outdoor conseguia se destacar, mesmo ali, o que era um feito incrível.

– Sim! – Aaron respondeu, sentindo seu coração começar a bater mais rápido, a adrenalina invadindo seu corpo, levando suas preocupações embora, pelo menos momentaneamente. Ele não gostava de admitir, mas ele amava aquela sensação.

– Vamos fazer o que temos que fazer, seja rápido, não sei quanto tempo conseguiremos manter todos os guardas distraídos.

Aurea e Aaron avançaram confiantes. Como previsto por Gent, devido a troca de turno, apenas dois guardas, vestidos em cores espalhafatosas, com o símbolo da facção de Momo, o lorde biorúnico que havia tomado a Garagem do Morcegão, gravados em suas casacas: uma caveira colorida, com dentes pontiagudos de um predador, chegando até o fim da mandíbula, em uma espécie de sorriso macabro. Uma peruca roxa de palhaço, finalizava o desenho, que mais se assemelhava a uma jolly roger.

Aurea tomou a frente, indo direto até o guarda mais próximo, que percebeu tarde demais a movimentação estranha. Com sua mão envolta em uma esfera de seu poder, a garota acertou um soco no maxilar direito do guarda, fazendo-o se chocar com força contra a parede atrás dele.

– O morcegão mandou lembranças!! – Aurea tinha um tom confiante e satisfeito na voz.

Um círculo se formou na multidão, que tentava fugir da briga que acabara de estourar, deixando o caminho até o segundo soldado livre. Com sua velocidade, Aaron cobriu a distância rapidamente, acertando-o com um chute direto no peito, com a planta do seu pé esquerdo.

O soldado embolou pelo chão, entrando na Garagem do Morcegão, e se chocando contra uma prateleira. Vários clientes assustados ainda tentavam sair do local, mas Aaron viu quando Gent passou despercebido pelo contrafluxo, correndo para chegar até a grade de ferro que separava o caixa do restante da loja.

— Vamos, vocês do Momo, só têm isso?! – Aurea provocava, tentando manter a atenção dos guardas e funcionários nela e em Aaron.

O soldado que havia sido esmurrado por ela, já estava de pé, a boca ensanguentada:

— Vocês sabem, o que estão fazendo? Vocês vão se arrepender! – O guarda arrancou a camisa e a casaca, em uma cena cinematográfica, revelando seu corpo musculoso. Ele não tinha nenhum membro faltando, mas tubos negros saíam de suas costas e se conectavam a receptores, cravados na pele e no músculo do seu peitoral. Com um murro contra o peito, como se fosse um gorila, os receptores dobraram para dentro do corpo do homem, levando consigo os tubos.

Instantaneamente seus músculos começaram a crescer vertiginosamente, seus olhos foram perdendo o brilho da sanidade. Ele parecia um drogado, recebendo sua dose tão desejada da melhor droga.

A sua velocidade surpreendeu Aurea, que mal conseguiu bloquear

o ataque com seu poder. O homem continuou em uma sequência de golpes, que obrigaram Aurea a recuar.

Tudo acontecia em poucos segundos, Aaron sabia que Aurea era mais do que capaz de se defender sozinha. Então partiu atrás do outro soldado, que estava demorando demais para voltar, deixando a rua para trás!

No fundo da loja, já nas grades, Aaron viu a sombra de Gent passar para o outro lado, já tendo conseguido arrombar a porta, enquanto o seu adversário caía e se levantava, tentando se livrar das prateleiras e objetos que havia derrubado, para perseguir Gent.

Com um movimento de braço, o homem jogou um cabo de metal, com uma rocha na ponta. O ataque passou longe de acertar Gent, chegando apenas até a porta, mas essa não parecia ser sua intenção, pois o guarda foi instantaneamente teleportado até onde a ponta do seu chicote estivera, poucos segundos atrás.

Aaron apressou o passo, mas o homem não seguiu Gent até os fundos do lugar, ao invés disso, ele virou à direita, indo até o caixa, onde uma funcionária, se escondia debaixo da mesa, assustada.

Ele usou o mesmo braço, que Aaron pôde constatar ser feito de metal, para destroçar o móvel abaixo da caixa registradora, retirando uma grande rocha âncora de teleporte.

Aaron olhou surpreso, se ele chamasse reforços, o plano podia sair de controle. O garoto avançou ansioso, tentando impedi-lo, mas o homem lançou seu chicote na direção dele, obrigando-o a se esquivar do golpe. Novamente, o soldado se teleportou até a ponta do cabo, até a porta arrombada por Gent, por onde saiu em disparada na

direção da rua.

Aaron xingou baixo, como ele pôde ser tão burro. Aparentemente aquela pedra precisava ser energizada, antes de conseguir trazer quem quer que estivesse em posse da rocha linkada àquela.

Quando chegou do lado de fora, Aaron viu apenas Aurea e o outro guarda, que agora mais parecia um amontoado de músculos com veias grossas, pulsando. Eles estavam a poucos metros, em uma violenta troca de golpes.

– EI, COISINHA FEIA! – Aaron gritou com raiva, frustrado por ter perdido seu adversário de vista.

O homem se virou, perdendo o foco da luta por alguns segundos. Tempo o suficiente para Aurea acertá-lo com um soco cruzado, envolto em sua energia dourada, bem nas partes baixas, fazendo-o cair de joelhos. Aaron completou o combo, pulando para acertar um murro de cima para baixo, contra a têmpera do guarda, fazendo sua cabeça se chocar com força contra o asfalto e ele cair desacordado.

– Onde está o Gent?! – Aurea estava atenta, olhando ao redor.

– Ele conseguiu entrar, mas ainda não saiu! – Aaron gritava, apesar de não precisar.

– Nós não temos muito tempo, logo a Guarda da Cidade vai estar aqui! – Aurea começou a andar em direção a Garagem do Morcegão para ajudar Gent, mas Aaron a segurou.

– Acho que não vai dar tempo de a Guarda chegar... – Aaron estava um pouco sem jeito, não querendo falar que havia falhado.

– Como assim...?

Ele não precisou responder, pois de cima de um dos prédios, do lado oposto da rua, caiu uma sombra, aterrissando com força no chão, fazendo o concreto ceder sob seus pés.

– Nós estávamos esperando pelo Morcegão... tentamos de tudo, mas nem mesmo o Momo e sua genialidade não conseguiram abrir aquele cofre... Uma hora, ele tinha que voltar para buscar o conteúdo, seja lá o que for! – A voz feminina era assombrosamente sedutora, diferentemente da sua aparência.

Do torso para cima, a mulher possuía curvas acentuadas, seus seios avantajados presos em um corpete de metal, seus braços musculosos cobertos de tatuagens. Seu rosto passava uma sensação que seria mortalmente belo, se não fosse pelos três pares de olhos extras, um na testa, logo acima dos olhos normais, outro nas bochechas, logo abaixo e o último par nas duas têmporas. A estranheza não parava aí, na verdade, só começava ali. Do torso para baixo, ao invés de pernas, a mulher possuía o corpo branco de uma aranha gigantesca, as patas grossas e sem pelos mais pareciam feitas de pedra. A ponta de cada uma estava coberta por um metal escuro e afiado, transformando cada uma delas em espadas. Em cima do maior dos bulbos que formavam a parte de aranha de seu corpo, estava tatuada a marca do Momo.

Aaron e Aurea recuaram assustados, mas a mulher-aranha partiu para cima deles, sacando dois sabres com suas mãos humanas. Em uma cena assustadora, metade dos seus oito olhos, se fixaram em Aaron e a outra metade em Aurea. Ela era incrivelmente rápida para o seu tamanho, chegando aos três metros de altura, naquela forma

híbrida, e mesmo assim cobrindo a distância entre eles em poucos segundos.

Suas pernas funcionavam como armas afiadas, atacando em um frenesi que era quase impossível acompanhar, obrigando Aaron a sacar sua lança, enquanto Aurea se utilizava de seu poder para criar um domo ao seu redor e continuar a recuar. Os ataques possuíam uma força incrível e eram coordenados quase como em uma dança, as patas eram um borrão na escuridão iluminada pelas infinitas lâmpadas do subterrâneo de Marabor.

Estava claro que Aurea e Aaron não eram páreos para aquela mulher. Em poucos segundos, eles seriam derrotados. Aurea não podia usar seu poder ao máximo, seu esqueleto de energia protetor, pois seria reconhecida, nem muito menos Aaron o seu poder da armadura.

Isso não era tudo, estava óbvio que aquela forma híbrida de aranha era o seu poder elemental, o que queria dizer que ela ainda nem sequer utilizara os seus melhoramentos biorúnicos. A leitura da luta vinha a Aaron com facilidade, e apesar da situação, ele conseguia manter a calma, sua mente instintivamente procurando por uma saída viável para ele e para Aurea. Em qualquer outro momento, lembranças de Sarah e Jonas estariam invadindo sua mente, mas no meio da batalha todo o resto do mundo parecia desaparecer, seu cérebro focado no inimigo a sua frente.

A sua cabeça trabalhava a uma velocidade absurda, mas não conseguia pensar numa maneira de vencer.

Aaron nem sequer pressentira o ataque, ela só viu o clarão verde pelo canto direito do olho, antes de sentir o impacto da explosão, que mandou todos para trás. Um vulto misterioso continuou o ataque,

acertando a mulher-aranha com mais uma pequena explosão de energia verde, fazendo-a recuar novamente. O homem aterrissou na frente de Aaron e Aurea, se pondo entre os jovens e a mulher.

– Quem é você? – Aurea estava ofegante, mas ainda tinha a firmeza característica na voz.

– Vocês realmente acharam que os pais de vocês iriam mandá-los até aqui sem supervisão? – A mulher virou seu rosto encapuzado para os garotos, deixando a vista apenas seus olhos brilhando verdes com energia.